

2. O Planejamento em Lazer

Planejar não é uma função ou um procedimento operacional restrito apenas às áreas ou atividades econômicas. Tem utilização também na área sociocultural. Obter melhores resultados na ação não é obrigação apenas de empresas e de empresários. É também um critério a ser adotado nos setores governamentais, e em todas as organizações de finalidades sociais e educativas, como fundações, associações, clubes, escolas, instituições sociais as mais diversas e com as mais diferentes finalidades.

Talvez seja até mesmo mais importante se obter bons resultados na área social, relativamente aos recursos empregados, considerando que nesse setor não há geralmente retorno do capital investido, pois muitas vezes não é feita cobrança pelos serviços oferecidos, ou então são cobrados valores simbólicos. Os recursos financeiros muitas vezes são aplicados a fundo perdido. Aqui está mais uma razão ponderável para que tais recursos sejam muito bem utilizados.

Os serviços de lazer, quando oferecidos por instituições sem finalidades lucrativas, e por organismos governamentais, também deveriam utilizar o planejamento. As organizações privadas, e o setor do entretenimento, já usam metodologias de planificação há muitos anos. Nenhum empreendimento é executado sem um **Master Plan**, ou **Plano Diretor**, nos Estados Unidos, no Canadá ou no Japão. Mas como já vimos no capítulo anterior, a metodologia de planejamento tem características universais, se aplicando a todo tipo de organização, desde que sejam feitas as devidas e necessárias adaptações.

O planejamento em lazer tem sido objeto de estudo, reflexão e prática em vários países da Europa, sobretudo França e Grã-Bretanha, e nos Estados Unidos e Canadá.

Para um dos autores que trabalha com o tema, pesquisador inglês radicado na Austrália, A. J. Veal,

...planejar para o lazer de um modo compreensivo e sistemático é uma forma relativamente nova de comportamento humano. Em muitos países, durante a última metade do Século XX, tentativas foram feitas para determinar papéis apropriados para o planejamento em relação ao lazer e para desenvolver técnicas e abordagens de planejamento convenientes. (1993, p. 85).

É compreensível que tenham ocorrido dificuldades para se adotar o planejamento no caso do lazer. Quando o conceito dominante deste o considerava como oposto ao trabalho, ou como a situação de não trabalho, por que haveria necessidade de se planejar aquilo que vai ser feito como simples diversão ou como simples compensação das fadigas e problemas da vida profissional? Planejar a diversão pode parecer até um contrasenso. Faz sentido planejar uma fábrica, as vendas de uma grande loja, uma usina hidroelétrica. Mas planejar uma atividade esportiva? Uma apresentação musical ou de dança? Uma exposição?

Todavia, em todas as programações e em todas as situações de lazer é aplicável o planejamento. Na grande São Paulo, no caminho para o Aeroporto Internacional de Cumbica (conforme observado em 1997 e 1998), foram deixadas alguns espaços ajardinados em setores da estrada. Nos domingos e feriados, muitas pessoas se reúnem nessas áreas, fazendo prosaicos piqueniques, ou simplesmente conversando, casais namorando, famílias brincando com as crianças. Foi um acerto ao acaso. Se fosse planejado, as pessoas que utilizam esses espaços teriam mais conforto e mais segurança, e mais qualidade nesses momentos de lazer. Sem planejamento deu certo? Daria ainda melhor resultado com um mínimo de

planificação. Foi o que ocorreu com o bem sucedido parque do Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, especialmente planejado e desenhado para uso público.

73

Planejar em lazer, segundo outro estudioso do tema, o norte-americano Gold, que utiliza, ao invés da palavra "lazer", o termo "recreação", seria entendido como:

Planejamento em recreação é um processo que relaciona o tempo de lazer das pessoas ao espaço. É uma arte e uma ciência que usa os conceitos e os métodos de muitas disciplinas, para prover oportunidades públicas e privadas de lazer nas cidades. Na prática, planejamento em recreação combina o conhecimento e as técnicas do desenho ambiental e das ciências sociais para desenvolver alternativas para utilizar o tempo de lazer, o espaço e o dinheiro para acomodar as necessidades humanas. O processo resulta em produtos (planos, estudos, informação) que condicionam a política pública e a iniciativa privada usadas para prover oportunidades de lazer nas cidades. No seu senso mais amplo, planejamento em recreação é concernente com o desenvolvimento humano e com a distribuição do território ao ajudar as pessoas a se relacionarem com o seu ambiente e com cada um dos outros. Em um sentido mais restrito, planejamento em recreação é concernente com as variáveis do comportamento em lazer e do espaço aberto. (1980, p. 05).

O planejamento em lazer tem características peculiares, utiliza métodos e sistemas de outras áreas, mas tem alguns diferenciais, como explica Torkildsen:

...a dimensão social do planejamento de lazer enfatiza as diferenças entre o mesmo e o planejamento em geral. Instalações de lazer, fora do

74
lazer, em comparação com a habitação, centros de compras, estradas, e assim por diante, são instalações não essenciais e têm somente um apelo reduzido para a comunidade. Portanto, avaliar a demanda para a instalação de lazer em particular é um processo complexo e difícil, particularmente quando existe uma variedade de atrações que competem para o uso do tempo de lazer da pessoa. (1995, p. 132).

Uma abordagem criteriosa de planejamento seria aquela que proporia medidas ou programas para aproximar a oferta da demanda observada ou verificada. Essa prática é corrente nos Estados Unidos e no Canadá, onde qualquer **Master Plan**, do setor privado ou do setor público, é iniciado pelas pesquisas quantitativas e qualitativas de demanda. Onde são feitos estudos de oferta, adotando-se normas que prevêm determinadas quantidades, dimensões e capacidades de instalações de lazer, classificadas por tipos - auditórios, teatros, conjuntos esportivos, piscinas -, proporcionalmente à população. Uma das normas mais simples é a empregada pela ONU, sobre os espaços verdes, propondo um mínimo de 12m² de área verde por habitante, ou uma cifra um pouco mais ambiciosa, 16m² de área verde por habitante.

No Brasil, por haver uma idéia generalizada, falsa ou verdadeira, não se sabe, de que há uma carência em quantidade e em qualidade de equipamentos de lazer para a população, principalmente a de baixa renda, geralmente as instalações de lazer são planejadas pela abordagem da oferta, considerando-se que a mesma é insuficiente na maior parte das cidades, principalmente no caso do setor público. Todavia, em nosso país ainda há muito a se fazer, notadamente quanto a processos de planejamento que relacionem oferta com demanda, ou que utilizem métodos de participação comunitária na decisão e no detalhamento de novos equipamentos, ainda nas fases de projeto, adequando-se

75
todos os procedimentos às características sociais, culturais, econômicas, políticas e geográficas das diferentes regiões e das muitas cidades do Brasil.

Para contribuir com o debate sobre o tema, podemos registrar uma síntese de Gold, que utiliza novamente o termo "recreação", uma prática corrente entre os pesquisadores americanos:

A essência do planejamento em recreação é baseada nas seguintes assunções: 1. Parques públicos, serviços de lazer, e espaços abertos são aspectos vitais da forma e da função urbana. 2. Serviços e espaços de lazer que são bem desenhados, apropriadamente localizados, adequadamente mantidos, e servem as necessidades dos usuários previstos, podem melhorar a qualidade da vida e do ambiente urbano. 3. O processo de planejamento e de desenho podem prover uma base racional para a ação da comunidade, para melhorar a quantidade e a qualidade das oportunidades de lazer nas cidades. 4. As técnicas de pesquisa social podem ser utilizadas para medir o comportamento em lazer em termos da preferência ou da satisfação para diferentes tipos de atividades e ambientes. 5. Esses valores podem ser traduzidos em dimensões de tempo, espaço e atividade para diferentes populações. 6. Esses fatores podem ser relacionados com a demanda por e a oferta de oportunidades de lazer existentes ou potenciais, para indicar a necessidade em termos de área ou serviços por uma atividade específica ou por um conjunto de atividades. 7. Essa necessidade pode ser traduzida em medidas de padrões de eficiência ou de performance os quais refletem os valores das pessoas. 8. Essas medidas podem desempenhar um papel importante no processo de planejamento e de decisão para a provisão de oportunidades de lazer nas cidades. 9. A provisão das oportunidades de lazer nas cidades pode ser um esforço conjunto dos setores

76
públicos e privados. 10. Esse esforço é totalmente meritório em termos humanos e pode ser justificado por seus benefícios sociais, econômicos, políticos e ambientais. (1980, p. 01-02).

Um estudioso brasileiro, Luiz Octávio de Lima Camargo, pensando neste caso o planejamento segundo uma abordagem socialmente abrangente, defende a idéia de que, antes de se implantar qualquer equipamento de lazer, deve-se verificar, na cidade, o que já existe e também quais outros espaços urbanos com outras finalidades, como os educacionais, habitacionais, de transporte, etc., oferecem possibilidades para a prática do lazer, lembrando que “o equipamento físico de lazer é mais importante para o uso qualitativo” do que para o uso “quantitativo do tempo livre, e assim, , “paradoxalmente, uma política de lazer pode iniciar como uma política anti-equipamentos de lazer”. (CAMARGO, 1985, p. 07).

Implantar equipamentos socioculturais exige grandes recursos, inicialmente para investimento e posteriormente para garantir o seu funcionamento. Um dos casos mais recorrentes no Brasil mostra os poderes públicos investindo elevadas quantias para construir um equipamento de cultura ou de esporte e depois descuidar de sua operação e de sua manutenção. Como os empreendimentos de todas as demais áreas de uso público, qualquer que seja o seu mantenedor, é necessário adotar-se um processo de planejamento para a sua implantação, incluindo neste mesmo processo a previsão de recursos e de programação para o seu funcionamento posterior.

A planificação em lazer deve ser dinâmica e flexível, seguindo neste caso as recomendações dos vários autores citados.

77

Exemplificando com uma questão prática atual: o projeto de um grande equipamento de lazer – um Centro Cultural, um Museu, um *Performing Arts Center*, um grande Ginásio multifuncional, Polidesportivo e de Espetáculos, têm um prazo entre decisão, início do processo de planejamento, elaboração do Programa, dos Projetos Arquitetônico e complementares, licitação para obras, construção, ocupação com equipamentos, mobiliários e recursos humanos, por volta de oito a dez anos, como pode ser comprovado pelo caso do Centro Georges Pompidou, o Beaubourg de Paris.

Esse equipamento utilizará intensivamente os sistemas informatizados, na administração, no controle de público, de bilheterias, na programação, etc. Nesse prazo, quanto mudará o universo digital? Não se pode pensar nos sistemas digitais na fase do projeto, pois quando o equipamento estiver concluído, tais sistemas serão evidentemente muito diferentes, tanto no *hardware* quanto nos *softwares*.

Todavia, essa mesma flexibilidade tem limites que devem ser sempre bem ponderados. Assim, a decisão de construir uma piscina olímpica, com sua área de 25x50m e espelho d'água profundo, pode ser mudada para a opção de uma piscina recreativa, com formato livre e profundidade máxima de 1,50m, durante a fase de projeto. Torna-se mais difícil a mudança quando o projeto estiver concluído e aprovado pelos órgãos públicos, pois essa modificação implica em apresentá-lo novamente para apreciação, com a conseqüente ampliação dos prazos; é muito mais complicada após resolvida a concorrência para as obras, pois a alteração implicará em mudanças nos custos da construção; e será simplesmente impossível após implantado o tanque da piscina, visto que qualquer mudança significa fazer a obra novamente, por causa da impermeabilização dessa área.

Conceito

Considera-se equipamento de lazer o conjunto de instalações físicas planejado, desenhado e construído para atividades esportivas, recreativas, associativas e artísticas, nas mais diferentes modalidades, a serem oferecidas ao público freqüentador conforme sua composição e seus recursos operacionais.

3.1 Introdução – Conceitos

3.1.1 De Equipamento de Lazer

Utilizou-se a expressão **equipamentos de lazer** neste texto, sem explicar qual o entendimento da mesma nem apresentar conceitos. A própria expressão "equipamentos" é ambígua, podendo se referir também aos equipamentos que são usados direta ou indiretamente em atividades de lazer, como os sistemas de áudio e de vídeo. Quando nos referimos ao termo, estamos considerando um conjunto de instalações associadas, destinadas às práticas e aos serviços de lazer, espacialmente distribuídas conforme um projeto arquitetônico em um determinado ambiente ou espaço social e geográfico escolhido dentro de um território.

Os conceitos podem exprimir de modo sintético as vocações de uma determinada construção ou de um determinado arranjo espacial.

Os conceitos dos equipamentos de lazer são uma criação totalmente difusa, surgiram à medida que arquitetos elaboravam projetos para atender às solicitações de governos e de empreendedores, ou foram pensados pelos próprios

empreendedores, ao desenvolver uma proposta que pudesse dar significado concreto a uma idéia.

Sua invenção vem da Antiguidade Clássica – os teatros e anfiteatros gregos, as termas romanas, os campos esportivos da Grécia antiga. E foram os romanos que idealizaram e edificaram originalmente refinados conjuntos de instalações, contendo os princípios funcionais dos complexos de lazer que hoje são construídos por toda parte, como se pode observar ao se visitar a região da cidade de Roma onde se localiza o Coliseu, ou quando se conhece as termas de Caracala.

Princípios atuais como: Combinação de instalações com finalidades diferenciadas, formando um complexo multifuncional, acessos bem desenhados e bem pensados, permitindo uma circulação confortável do público e um escoamento fácil dos fluxos de espectadores, e servindo ainda como áreas para exposição de obras de arte, infraestrutura de apoio possibilitando a colocação e a retirada rápidas dos materiais de uso, visão ampla da plateia relativamente aos espaços de apresentações, acústica de primeira qualidade, ambientação dos locais com elementos decorativos e artísticos.

Esses conceitos foram implantados pela civilização romana por todas as regiões do seu antigo império. Como por exemplo em uma pequena cidade da Espanha, na qual os turistas de nosso século visitam um local restaurado e conservado pelo patrimônio histórico daquele país, onde se destaca um conjunto de teatro – com plena visibilidade do palco em qualquer ponto de plateia e com uma acústica perfeita – e anfiteatro, de acesso fácil e muito bem pensado entre as duas instalações.

Na Era Moderna, com o desenvolvimento dos meios de produção da civilização industrial e tecnológica, as sociedades

humanas pensaram, criaram, planejaram e construíram uma série variada de conceitos de equipamentos de lazer, que podem ser classificados sob vários critérios, conforme explicitado nos itens s (conceitos específicos e classificação).

81

O primeiro conceito é o de **Equipamento de Lazer** propriamente dito. Para Coronio e Muret,

...é necessário precisar claramente aquilo que se entende quando se aborda a noção de **equipamento**. Trata-se primeiramente de um elemento material, os equipamentos se traduzindo fisicamente por um certo número de locais e de instalações construídas (um cinema, um ginásio) ou de espaços arranjados (um estádio, um parque urbano) ou até mais ou menos deixados em estado natural (uma floresta com área de passeio. Mas não se trata apenas disso. Encontra-se, com efeito, com frequência, e intimamente associado a esse aspecto material, um elemento humano muito importante, se bem que numa primeira abordagem sua presença não se impõe com a mesma força que o quadro físico que o abriga e seja desse fato mais difícil a descobrir e a perceber. Esse elemento, representado por uma instituição, um serviço, uma equipe, um órgão ou mesmo uma associação informal, será em numerosos casos a alma do equipamento. (1976, p. 17-18).

Robert Soubrier, professor e pesquisador da Université du Québec à Trois-Rivières, Canadá, define equipamento de lazer como “equipamento implantado em função da prática de uma ou de muitas atividades de lazer” (SOUBRIER, 2000, p. 130), e como “toda instalação que permite a realização de atividades habitualmente consideradas como sendo desse tipo pela população em geral, mesmo se essa instalação é concebida em prioridade para uma ou para muitas outras finalidades” (2000, p. 61).

Sobre esse tema, Coronio e Muret propõem outros conceitos complementares para os **Equipamentos de Lazer**, como **polivalência** - equipamento polivalente é “aquele onde muitos tipos de atividades podem ser praticadas simultânea ou sucessivamente” (1976, p. 30) e **banalização** - “banalização de uma instalação consiste em colocar um mesmo local ou um mesmo espaço à disposição de diversas categorias de usuários que o utilizam em momentos diferentes” (CORONIO e MURET, 1976, p. 28).

Machado Neto amplia a noção de polivalência, dividindo-a em polivalência cultural, representada pela diversificação das atividades, e de polivalência social, representada pela diversificação de públicos (1996, p. 100).

3.1.2 A importância dos Conceitos Específicos

O frequentador que acessa o andar térreo do Sesc Pinheiros, uma das grandes unidades daquela organização em São Paulo, poderá ver de um lado, no caso à direita de quem entra, uma ampla área para exposições. Por exemplo, em dezembro de 2008 esse ambiente era cenário da exposição “Voom Portraits”, de Robert Wilson, uma série de criações visuais, em vídeo-retratos de alta definição, encontro entre fotografia, filme, literatura e som, organizada por **ART for The World**, uma entidade internacional com sede em Genebra, Suíça, associada com a UNDPI (*United Nations Department of Public Information*). Mas, quando sua atenção desvia o foco daquele forte apelo visual, e olha para o lado esquerdo de quem entra, pode enxergar no nível do subsolo, através de uma ampla e alta divisória envidraçada, um conjunto de piscinas cobertas, que formam o complexo aquático daquele centro do SESC, iluminado pelo sol durante o dia, pois é parcialmente coberto por uma estrutura em metal e vidro.

Exposição de um lado, conjunto aquático de outro, dentro de um mesmo centro cultural. 83

Essa associação não é fruto do acaso, nem de uma idéia solta que o arquiteto porventura recolheu de passagem por alguma capital europeia ou por alguma metrópole norte-americana. É resultado de um **conceito específico**, para aquele equipamento, pensado e definido após longa experiência na gestão de centros de atendimento em atividades sociais e culturais, e na administração de programas de atividades artísticas, associativas, recreativas, esportivas, diversificadas em muitas modalidades e práticas.

A inclusão desse conceito em um projeto arquitetônico produziu um resultado pouco observado em outros países, nos quais a distinção é bem delineada: espaços culturais que incluem áreas de exposição, seja como principal atrativo, seja associadas a outras instalações; e espaços esportivos, com piscinas ou conjunto aquáticos, igualmente como atrativos principais, ou integradas a um complexo de instalações esportivas. Em prédios separados, em unidades autônomas, em um ponto do bairro o complexo cultural, em outro ponto do bairro, ou mesmo em bairro diferente, o complexo esportivo. Que geralmente no caso dos países mais desenvolvidos são de alta qualidade, tanto no projeto quanto na construção, como os Centros Esportivos na Alemanha e no Canadá, os Centros Culturais na França, no Japão e na Espanha, os *Performing Arts Centers* ou *Centers for Performing Arts* nos Estados Unidos, os Museus na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá e em outros lugares, inclusive em alguns menos desenvolvidos, como é o caso dos esplêndidos museus do México, na Capital e na cidade de Monterrey.

Não é frequente, portanto, ver em outros países essa associação, em um mesmo centro cultural, de área de

exposição e área de piscinas. Geralmente são instalações distintas, implantadas em prédios diferentes. Por exemplo, o **Getty Center**, um imenso Centro Cultural em Los Angeles, que tem 87.800m² de área construída, desenhado pelo arquiteto norte-americano Richard Méier, e o LACMA (Los Angeles County Museum of Art), ampliado conforme projeto do arquiteto italiano Renzo Piano para uma área construída de aproximadamente 80.000 m², são conjuntos de instalações específicas para as Artes e atividades correlatas.

O enorme e ultramoderno Estádio Olímpico de Pequim, projetado pelo grupo formado pelo escritório suíço Herzog & De Meuron, pelo britânico Arup Sport e pelos chineses China Architecture Design & Research Group, tem um conceito bem definido de equipamento esportivo, mesmo que a proposta preveja o uso alternativo e polivalente como uma grande arena multifuncional, com grandes espetáculos e shows, conforme sua vocação desenhada no projeto.

O item mais importante do processo de planejamento, e do projeto do equipamento que resultará desse processo, é o seu **conceito específico, o Conceito do Equipamento**. O **conceito específico** define o tipo do equipamento, o seu padrão arquitetônico construtivo, quando se pretende erigir um novo prédio ou um complexo de edificações, ou o seu novo padrão de ocupação espacial, quando se trata da conversão de um local já construído, como por exemplo o Sesc Pompéia em São Paulo, ou o projeto da Casa Daros no Rio de Janeiro; o sistema ou os sistemas de funcionamento e de atendimento; a programação de atividades e/ou eventos que ali será realizada e os serviços que ali serão oferecidos; a necessidade de recursos humanos e suas respectivas qualificações; os recursos físicos e materiais; e o orçamento de gestão, operação e manutenção.

85
Ou, elaborando o raciocínio com a abordagem reversa, todos esses fatores, cujo conjunto articulado forma o Equipamento de Lazer – cultural, esportivo, turístico ou eclético (associando vários interesses) – são definidos e equacionados a partir do conceito desse mesmo equipamento.

Um exemplo internacional interessante de como um conceito pode ser construído é do Projeto da Abbaye de Fontevraud, na França, antiga abadia que estava desativada e foi revitalizada como **Centre Cultural de Rencontre** (Centro Cultural de Encontro), a partir de 1975. De acordo com o site da Associação dos Centros Culturais de Encontro (<<http://www.accr-europe.org>>), esses equipamentos têm “a missão de realizar a síntese entre um grande monumento que perdeu sua função original e um projeto intelectual e artístico ambicioso que garante sua restauração e sua reabilitação” (2009).

Trata-se de uma proposta de ocupação de um conjunto de edificações de grande valor histórico-cultural, patrimônio arquitetônico e construtivo da França, fundada no ano de 1.101, para sua transformação em centro de atividades artísticas e turísticas. No documento obtido via Internet (<http://www.abbaye-fontevraud.com/v3/home/projet.php>), observa-se que o conceito é estruturado sobre a **organização do local**, a **diversificação da oferta** e a **promoção cultural**.

De acordo com o mesmo documento (2009), esses itens que compõem o conceito se caracterizam como:

Organização do local

- Prever os acessos e elaborar previamente os roteiros de visitação.
- Pensar, projetar e equacionar um grande espaço de convivência e de interpretação no centro do dispositivo.

- Desenvolver um projeto de comunicação visual, por designers de capacidade comprovada.
- Qualificar os locais – espaços especializados, para públicos bem determinados, e alternância entre espaços vazios e locais ocupados.

Diversificação da oferta

- Diversificação dos públicos a serem atendidos.
- Associação de práticas/atividades diferenciadas.
- Inserção local – integração com a oferta turística e cultural da região.

Promoção

- Criar marca conceituada sobre as características da Abadia, como equipamento do patrimônio histórico e arquitetônico.
- Promover as práticas a serem desenvolvidas no local, com abrangência regional, nacional e internacional.

Esses itens são completados pela Programação desenhada para o **Centre Culturel de Rencontre Abbaye de Fontevraud**, para a qual se pensou, além da oferta das atividades artísticas e turísticas, em organizar oficinas de arte, cursos e seminários de formação, e residências de artistas; complementarmente, promover conexões e interrelações entre pessoas criativas, promotores culturais e turísticos, profissionais das áreas interessadas, incluindo os da mídia geral e especializada, e acadêmicos – professores e universitários.

A descrição acima mostra que o **conceito** é a síntese elaborada e objetiva da ideia ou da proposta que se pretende implantar, e expressa a concepção do equipamento. É o primeiro passo, a primeira etapa, e como já observado, o procedimento mais importante de todo o processo de

planejamento. **Tudo no equipamento de lazer deriva do seu conceito.** 87

Geralmente a decisão dos empreendedores, sejam públicos ou privados, é de implantar um equipamento cujo conceito já existe e é conhecido. Raramente se ousa criar um novo conceito, como ocorreu com a arrojada concepção de um 104 (**Cent Quatre**) em Paris, e de um **EMPAC** Rensselaer, na pequena cidade de Troy, estado de New York.

No caso de conceitos já existentes, o primeiro problema que se observa, no qual incorrem muitos setores governamentais, é o da má interpretação do conceito. Muitas vezes o conceito é mal compreendido pelo dirigente público, ou mesmo pelo empreendedor privado, o que ocasiona depois sérios problemas de funcionamento, manutenção e operação.

Por exemplo, um secretário municipal de cultura, ou um prefeito, decide construir um teatro. Por desconhecimento do conceito, não prevê orçamento suficiente para uma construção com: primeiro, pé-direito alto, para se instalar a urdidura dos equipamentos cênicos e de iluminação; segundo, largura que permita vários metros de coxia de cada lado do palco, o que é fundamental para os trabalhos cênicos; terceiro, uma boa área para o *foyer*, destinada ao tempo de espera dos freqüentadores, antes do início da apresentação e nos intervalos; quarto, os equipamentos necessários de luminotécnica e de cenotécnica, igualmente fundamentais para que o teatro funcione de acordo com as suas finalidades. E quando os recursos orçamentários e financeiros não são suficientes para todos os itens que compõem o conceito **Teatro**, alguns desses requisitos não são atendidos, e a cidade recebe não um teatro, mas algo mais simples, um auditório, que é também um bom equipamento, porém com possibilidades de uso mais limitado.

Quando se olha detidamente a maquete de um teatro, dois aspectos são imediatamente visíveis: a grande altura proporcional da caixa de palco, e a importante proporção sobre a área total da construção que tem um palco bem projetado, com a relação boca de cena, coxias e camarins bem calculada.

Parece anedótica tal observação, mas quantas vezes esse equívoco não deve ter acontecido em nossas cidades, com situações aproximadamente semelhantes ao que foi descrito acima? Quantas vezes alguma prefeitura reservou um terreno para o projeto cuja área não é suficiente para se construir um teatro adequadamente desenhado?

Uma piscina não é simplesmente um grande tanque de água: tem conceitos claramente definidos. Uma piscina olímpica, feita de acordo com todos os critérios para as competições aquáticas, é um conceito totalmente diferente de uma piscina recreativa. Um *Center for Performing Arts*, ou *Performing Arts Center*, conceito desenvolvido nos Estados Unidos, não é um Museu. Os arquitetos, que têm o encargo de elaborar os projetos, conhecem bem os conceitos, porém isso não é suficiente. As pessoas encarregadas ou responsáveis pelos processos de planejamento devem conhecê-los também, e esse conhecimento não é exclusivo de arquitetos e engenheiros, mas deve ser comum a todos que atuam nas áreas do lazer.

Antes de elaborar e propor um programa de ecoturismo com muitas atividades para uma determinada área de conservação, deve-se conhecer o seu conceito, caso contrário o esforço profissional de turismo que não estudou corretamente o tema pode propô-lo para uma Reserva Biológica, quando deveria sugeri-lo para um Parque Nacional ou Estadual. Parece novamente anedota, mas isso pode ter acontecido em algum lugar ou momento.

89

O bom conhecimento do conceito também permite o entendimento adequado de sua maior ou menor complexidade, o que implica em maiores ou menores custos de projeto, construção, operação e manutenção. No exemplo acima, um *Performing Arts Center* é mais complexo do que um museu, por mais sofisticada que seja a concepção desse museu. A menos que as ideias que serão agregadas ao museu o transformem em um outro conceito, o de Centro Cultural.

Essa primeira discussão, a do conceito, é absolutamente necessária, pois a sua escolha é determinante para todas as demais etapas do processo de planejamento e para todos os resultados que se pretende obter com o investimento que foi decidido pelos dirigentes públicos ou privados.

A qualidade do equipamento, do atendimento que nele será proporcionado aos freqüentadores, usuários ou clientes, do seu funcionamento, da sua manutenção, os resultados obtidos, o desempenho das equipes técnicas e administrativas, serão todos afetados diretamente pela escolha do conceito, se já existe, ou pela competente criação de um novo conceito, se for esse o caso.

O empreendedor, seja público, privado ou do terceiro setor, pretende obter o melhor resultado do seu investimento? Deve analisar, discutir e escolher um bom conceito, e segui-lo integralmente ao longo de todo o processo de planejamento. **Um bom projeto começa por um bom conceito.** E o equipamento de lazer irá funcionar melhor se a programação de atividades e eventos corresponder criteriosamente ao seu conceito.